

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REGINA DE MIRANDA MUKAI REIS

**OS BORDÕES CRIADOS PELA TV E SUA INFLUÊNCIA NA
LINGUAGEM COTIDIANA**

CURITIBA
2011

REGINA DE MIRANDA MUKAI REIS

**OS BORDÕES CRIADOS PELA TV E SUA INFLUÊNCIA NA
LINGUAGEM COTIDIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de especialista no Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Mídias Integradas na Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Luis Gabriel Abravanel dos Santos

CURITIBA
2011

REGINA DE MIRANDA MUKAI REIS

TERMO DE APROVAÇÃO

**OS BORDÕES CRIADOS PELA TV E SUA INFLUÊNCIA NA LINGUAGEM
COTIDIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como exigência parcial para a obtenção do grau de especialista no Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Mídias Integradas na Educação da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador

Luis Gabriel Abravanel dos Santos

Banca Examinadora

José Roberto Bürger

Orly Marion Webber Milani

Curitiba, fevereiro de 2011.

Ricardo, meu porto seguro, Rafaela e Anna Luiza,
dávivas recebidas do Criador.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, que me abençoou com discernimento e competência para poder estudar e ser feliz, e a todos que fizeram parte da minha vida, durante a trajetória do curso, seja de forma virtual ou real:

à Helena Aparecida Batista, tutora à distância do Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Mídias Integradas na Educação, que se transformou em uma querida amiga e colaboradora;

ao Mestre Luis Gabriel Abravanel dos Santos, dedicado e paciente orientador que apontou os melhores caminhos a seguir;

às minhas queridas amigas Lia, Miriam, Rosilene e Sandra com quem sempre dividi minhas dúvidas, anseios e decepções, pelo apoio em todas as etapas do curso, pelas parcerias nas atividades em grupo e pela companhia nas viagens aos encontros presenciais. Ter vocês sempre por perto, tornou tudo mais simples e animador;

ao Ricardo, que sempre me incentivou e me apoiou em todos os momentos;

às minhas amadas filhas, Rafaela e Anna Luiza, por cada sorriso e por cada beijo dado, que me deram a força necessária para a conclusão deste TCC.

Educar é tornar o homem consciente de si mesmo, de seus deveres e direitos, de sua responsabilidade para com sua espécie. Educar é tornar o homem capaz de pensar em si e nos seus relacionamentos com os outros de modo a perceber que é impossível que ele se nutra autonomamente. (EMERENCIANO, 1996, p.140)

RESUMO

O presente trabalho objetiva comentar o papel da televisão na formação do discurso do adolescente, uma vez que esta é onipresente em todos os lares e que essa presença ocupa um lugar preponderante na vida do ser humano, desde a mais tenra infância. Na sociedade moderna, envolta num contexto de comunicação de massa, de imagens, o professor e a Escola precisam se apropriar de todos esses recursos. É notório que determinados bordões apresentados por personagens de programas televisivos são incorporados ao vocabulário cotidiano dos alunos, a partir de associações e identificações imediatas. Desse modo, esta pesquisa almeja identificar alguns dos bordões criados pela mídia televisiva, a fim de se demonstrar que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção. Para tanto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, com embasamento na Análise do Discurso, de linha francesa, uma das correntes contemporâneas da Linguística.

Palavras-chave: Bordões; Televisão; Análise do Discurso.

ABSTRACT

This paper aims to comment on the role of television in the construction the adolescents' speech, because it is ubiquitous in every home, and that presence engrosses a preponderant role in the human life, from early childhood. In modern society, wrapped in a context of mass communication, pictures, the teacher and the school must take ownership of all these features. It is well known that certain fillers presented by characters from television programs are incorporated into the daily vocabulary of students, from associations and immediate identification. Thus, this research aims to identify some of the slogans raised by the television, in order to demonstrate that all speech is a social construction, it isn't an individual, and that can only be analyzed considering its historical and social context, their production conditions. To this end, we opted for a literature search, based on speech analysis, French line, one of the contemporary currents of Linguistics.

Keywords: Fillers, Television, Speech Analysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	10
3. PROBLEMATIZAÇÃO	12
4. OBJETIVOS	13
4.1 OBJETIVO GERAL.....	13
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
5.1 ANÁLISE DO DISCURSO	17
5.2 OS BORDÕES SOB O VIÉS DA ANÁLISE DO DISCURSO	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
7. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço tecnológico, as novas tecnologias de informação e comunicação fazem parte da vida de todos os estudantes. Essa realidade obriga os professores a incorporá-las em sua prática docente, de maneira consciente e eficaz ao aprendizado de seus alunos.

Dentre as mais diversas tecnologias, a TV faz parte da cultura de massa, é um instrumento que efetiva a comunicação de massa enquanto processo social. É alvo de inúmeras críticas em relação à cultura que transmite, porém, é raro verificarmos uma família que não possua, em sua casa, ao menos um aparelho de televisão.

É indiscutível que os adolescentes incorporam hábitos, atitudes e até mesmo, a linguagem apresentados pela televisão, em seu cotidiano. Assim, os educadores devem buscar metodologias e estratégias que aprimorem a criticidade de sua clientela, tendo em vista que é na escola que se forma e se desenvolve o raciocínio e leitura crítica do mundo.

Objetiva-se, conseqüentemente, no presente projeto de pesquisa, questionar o porquê de tão grande influência da televisão sobre os jovens, enfatizando o uso de inúmeros bordões criados por personagens dos diversos programas televisivos, em sua linguagem diária. Pretende-se questionar e identificar todo o processo de criação de um bordão até os prováveis motivos que o tornam popular e copiado por toda a população. Dessa forma busca-se levar os jovens a identificarem a ideologia, a significação e o contexto histórico-social em que foram criados esses bordões.

2. JUSTIFICATIVA

Hoje, a televisão está inserida na maioria dos lares como algo indispensável, sendo um dos meios de comunicação que mais prende a atenção das pessoas - adultas ou crianças. Para a maioria delas é algo mágico - basta apertar o botão e pronto! Um mundo de sonhos aparece e prende a sua atenção.

Os alunos estão mais expostos aos conhecimentos que a televisão proporciona que àqueles advindos da escolaridade ou das relações familiares. Por

meio desse recurso eles entram em contato com diferentes conteúdos e os relacionam com temas já conhecidos. A televisão expõe às crianças os temas e os comportamentos que os adultos esforçam para lhes ocultar. Mas, ela não pode ser considerada culpada por todos os males que afetam a juventude – apenas demonstra as mudanças ocorridas na sociedade.

A televisão é formadora de opinião e de comportamento, aliando à velocidade da informação o fascínio de suas imagens. É fácil percebermos a identificação de nossos alunos com determinados personagens da TV através dos estilos de vida que passam a adotar. Mudam o modo de se vestirem, adotam hábitos e principalmente, linguagem própria daqueles que vislumbram.

É certo, porém, que o indivíduo não está exposto somente às influências dos meios de comunicação de massa. A decodificação das mensagens recebidas por esses meios se faz no espaço cultural pessoal do receptor. Sua cultura, suas crenças próprias são as responsáveis por conferir significado às mensagens recebidas. Por isso, é possível afirmar que o conteúdo transmitido por um meio de comunicação, nesse caso, a televisão, tem significação secundária, visto que depende da disposição do destinatário em acreditar no que ouve e vê, a partir de sua visão de mundo.

A relação comunicativa entre influência e interpretação das mensagens, quando colocada frente ao ensino, nos obriga a (re) conhecer quais seriam os elementos significativos que devem ser valorizados a fim de que consigamos compreender a participação consciente ou mesmo, inconsciente dos jovens na sua recepção.

Na sociedade tecnológica mergulhada num contexto de comunicação de massa, de imagens, o professor e a Escola precisam se apropriar de todos esses recursos, até porque os alunos, mesmo os que provêm das camadas mais pobres, acabam tendo acesso a eles. Essas coisas estão no mundo e a escola também precisa estar.

Cabe, portanto, à escola orientar seus alunos acerca do que veem, ouvem e imitam. O presente projeto enfatiza o uso dos bordões criados por personagens televisivos, na linguagem cotidiana dos jovens, levando-os a analisar o que veem, ouvem e imitam, identificando sua intencionalidade e ideologia. Além de proporcionar aos alunos, do Primeiro Ano do Ensino Médio, a leitura de bordões criados pela mídia televisiva, estimulando-os a questionar e confrontar suas ideias

com as recebidas através da leitura, para que possam optar, de maneira crítica, pela sua incorporação ou não em sua comunicação diária.

O professor inserido no processo ensino aprendizagem, nesse momento, não deve usar a televisão como um recurso didático complementar, deve aprender a lidar com a linguagem audiovisual fornecida por ela como produção de saber escolar e criar estratégias de ensino que levem seus alunos a “ler” criticamente o que ouvem e veem. O profissional da educação deve, então, saber utilizar as mídias, mais especificamente, a televisão, como recurso didático, a fim de melhorar a qualidade de ensino. Deve, ainda, mostrar ao aluno a diferença entre informação e conhecimento científico, fazendo-o perceber que o último faz parte do processo de aprendizado e qual a sua finalidade.

Dessa forma, o presente trabalho enfoca o tema - expressão oral dos nossos alunos espelhada nos personagens criados pela mídia televisiva. Para isso, propomos uma pesquisa bibliográfica, que terá como embasamento teórico a Análise do Discurso, uma das correntes de estudos linguísticos contemporâneos, surgida na França, durante a década de 60.

Julgamos de extrema importância a referida análise, tendo em vista a formação de nossos alunos telespectadores, proporcionando a eles uma alfabetização para a mídia.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

Sabemos que nossos alunos interessam-se muito mais pelas mídias que os cercam do que pelos livros e conteúdos que a escola lhes apresenta. Conhecemos, também, parte de sua ideologia que critica tudo que faz parte do senso comum, uma vez que buscam ser diferentes dos padrões estabelecidos pela sociedade moderna. Se sua realização e satisfação pessoal encontra-se no choque com as regras impostas pelo meio em que vivem, por que os bordões criados pelos personagens televisivos têm forte influência na comunicação dos jovens, em idade escolar?

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Identificar de que modo os bordões apresentados na televisão influenciam a comunicação e a construção do discurso dos jovens da primeira série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Governador Adolpho de Oliveira Franco.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Questionar o porquê do uso constante de determinados bordões, pelos alunos.
- Reconhecer a origem, contexto histórico e real intenção do autor do bordão.
- Levantar os bordões “eternizados” pela população e identificar o seu motivo.
- Verificar se a comunidade escolar está envolta de bordões da TV e reconhecer os principais motivos para tanto.
- Identificar os sujeitos e o contexto envolvidos em cada bordão analisado.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O papel da escola é a formação de um cidadão crítico, participativo e transformador da sociedade em que vive. Dessa forma, as aulas de Língua Portuguesa têm se preocupado com a formação de leitores – do cidadão-leitor.

Para Paulo Freire (2005, p.11) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Então, é imprescindível que o professor saiba valorizar a cultura popular em que seu aluno esteja inserido, partindo desta cultura e procurando aprofundar seus conhecimentos, para que este participe do processo permanente de crescimento pessoal.

Isso significa que falar em leitura é se referir ao “ato de ler”, analisando o sujeito-leitor na sua trajetória de vida. Nesse sentido, educação é o exercício da

liberdade do homem para estruturar o seu projeto de existência, para viver os diferentes horizontes de cultura.

Embora o conceito do termo cultura seja abrangente e também divergente, dentro desse estudo é abordado o conceito de cultura popular e cultura de massa, visto que a televisão brasileira é um ícone dessas. Estudos de Clerton Martins (2004, p.9) afirmam que cultura popular não compete com a tradição ou com o folclore, mas faz parte da vida de um povo.

A cultura popular se define, de modo geral, como a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida do povo ou dos diferentes elementos que compõem o povo, com conteúdos estéticos próprios de sua significação, em manifestações como música, poesia, artesanato, danças, representações dramáticas etc.

Sendo a TV o meio de comunicação que mais atinge a população brasileira, tudo aquilo que é transmitido pela mídia televisiva é, de certa forma, uma subdivisão da cultura popular e de massa.

Os programas apresentados pela televisão brasileira, dessa forma, são considerados formas de expressões culturais e artísticas. Geram, também, a refletividade nos indivíduos que os assistem; uma espécie de autoquestionamento onde, na comparação de suas vidas com o que veem na tela, são tocados não só em suas alegrias e sofrimentos, mas também nas escolhas e necessidades.

A imitação e a identificação não são somente provocadas pela televisão porque a imitação pertence à natureza humana. Uma criança imita seus pais e irmãos desde muito nova. Embora a televisão estimule as pessoas, principalmente, crianças e adolescentes, a representarem cenas, não se trata apenas de uma repetição, mas da inspiração vinda delas. Em geral, os adolescentes imitam somente personagens aprovados por seu meio, aqueles que estão de acordo com seus modelos pessoais.

Zazzo (*apud* LAZAR, 1999, p.106) encontrou uma bela fórmula para exprimir que na realidade, a fronteira entre identificação e imitação parece ser bem tênue.

Identificar-se com um outro é tornar-se semelhante a ele por um traço singular e por um conjunto de signos comuns. O conceito de identificação se aproxima do de imitação. Mas a imitação descreve o efeito no plano de ação. Identificação significa apropriação do comportamento de outro.

O excerto acima comprova que a influência exercida pela TV sobre os jovens, em especial, não gira em torno somente da moda ou comportamento, mas também da linguagem. Ela é fértil em criações de linguagem – os bordões ou jargões - que se tornam parte dos diálogos de todas as pessoas.

Historicamente, o conceito de jargões sofreu alterações desde a Idade Média. No início, a palavra descrevia o gorjeio dos pássaros e também a fala incompreensível: *"jargon"*, em francês e *"gargle"*, em inglês, saem da mesma raiz, correspondentes *"tagarelice"* ou *"lengalenga"*. Por volta do século XVI, a palavra já havia se espalhado para o italiano *"gergo"* ou *"zergo"*, espanhol *"jerga"* ou *"jeringonza"* e português *"geringonça"*. (BURKE, 1996)

Ao se espalhar de uma língua para outra, o "termo ganhou o sentido de gíria de submundo, em português, chamada de "calão"" (BURKE, 1996, p. 12). Só passou a designar as linguagens técnicas a partir do século XIX, com o surgimento das profissões, quando os especialistas começaram a marcar seus territórios temáticos, criando novos jeitos de falar.

Bordão é "toda aquela palavra ou frase que se repete inconscientemente", conforme explica BURKE(1996, p.15), a ponto de virar uma marca, um refrão; uma frase, não raro de duplo sentido, que um personagem dispara em determinadas situações, provocando gargalhadas quase automáticas. Funciona muito bem em programas de humor ou em novelas de tv. Essa utilização linguística dos bordões não deve ser desprezada, dada à importância social e cultural que a TV tem hoje, dentro da sociedade brasileira.

Os bordões trazem carga de humor, marcam personagens historicamente e se eternizam na linguagem popular. Vulgarmente, supõe-se que um bordão seja apenas característica típica de um determinado personagem. Mas, na verdade, constitui uma forma de conhecimento do homem, das lutas e cultura de um povo.

A maioria dos famosos bordões não são criações da TV, são expressões usadas na vida real, mas que ganharam dimensão nacional através da "telinha". A escola deve, portanto, trabalhar essa forma de linguagem popular, mostrando aos alunos, a intenção, a carga de significado que essas expressões trazem em si.

Os bordões sempre estiveram presentes na vida de todas as pessoas, desde sua infância, porque invariavelmente quando eles apareciam na telinha, dito num desenho ou série por aquele personagem favorito, acabavam saindo da TV para tomar conta das conversas, fosse nas brincadeiras ou na escola. Seja para destacar

uma situação dramática ou engraçada, o certo é que os bordões têm sim o poder de prender os telespectadores em frente a televisão, às vezes com a única pretensão de esperar por eles.

Muitos são de extrema criatividade, e aí pode estar um dos fatores para caírem no gosto do povo. Mas nada seriam sem a interpretação daqueles que os pronunciam, o que, muitas vezes, traz fama ao ator/personagem. É uma forma de linguagem utilizada em todas as espécies de programas televisivos: humorísticos, novelas, programas de auditório, propagandas comerciais. Onde fazem mais sucesso, porém, são nas novelas, programas de humor e propagandas. Não exigem muito raciocínio para compreensão, são facilmente memorizados por seus ouvintes e por isso mesmo, são expressões passageiras, com pouca durabilidade na sociedade.

Para BURKE (1996, p. 45) “Enquanto muitos grupos de pessoas definem sua identidade por meio do uso de jargão, um grupo, o dos críticos, define a sua por meio da rejeição do jargão dos outros”. Verifica-se que não existem falantes de estilo idênticos, uniformizados. O uso da língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social e assim por diante.

O comportamento determinado quando uma expressão surge num programa de televisão é um bom exemplo dessa situação. Ela passa a fazer parte da vida do telespectador e se adapta facilmente à sua maneira de agir, o que comprova sua importância social. A linguagem usada pela televisão tem uma grande parcela de responsabilidade pela capacidade de influenciar o público. Sob esse prisma, a linguagem seguindo as mudanças de hábitos e regras associados à experiência acumulada e à cultura, oferece condições de alterar usos vocabulares, modificando-os conforme a apropriação do ouvinte.

Não há regras para criar um bordão. Quase sempre ele é inserido pelo autor no texto, mas muitos atores têm liberdade para criá-los, durante o seu trabalho. É interessante como um bordão pode se tornar uma linguagem universal dentro de um país com tantas variações linguísticas como o nosso. É comum escutarmos algumas pessoas usarem determinadas palavras ou expressões repetidamente e sem se aperceberem.

Essa empatia linguística que surge quando os telespectadores se adaptam à maneira de falar da televisão é muito importante socialmente, principalmente com o peso que a TV tem no cotidiano das pessoas. O bordão é recurso corriqueiro nos

programas de humor da tevê por provocar riso fácil, mas nas novelas contribui para que um personagem caia na boca do povo.

Os bordões, principalmente os advindos da telinha, contaminam o público e “caem na boca do povo”. Alguns são passageiros, marcam uma época e somem; outros sobrevivem e são incorporados à linguagem coloquial. É preciso levar os alunos a reconhecer as variantes que constituem sua fala e o valor social que essas têm em comparação às variantes da norma culta.

5.1 ANÁLISE DO DISCURSO

Durante toda a história da humanidade, fica evidente a ânsia do ser humano em desvendar as incógnitas do pensamento. Dentre as ciências desenvolvidas pelo homem, a Linguística destaca-se por ter como objeto de estudo, o funcionamento da linguagem e por considerar a língua em sua relação com a história, com a sociedade, com seus diferentes usos e apropriações.

Uma das correntes de estudos linguísticos contemporâneos é a Análise do Discurso (AD), concebida como um modelo metodológico que se desenvolveu entre 1960-1970, na França - país que tinha forte tradição escolar no estudo do texto literário - influenciando depois estudiosos brasileiros. A década de 60 foi um período bastante agitado do ponto de vista político e cultural em todo o mundo e a análise do discurso francesa procurou entender esse momento político, analisando os discursos que foram então produzidos. Michel Pêcheux foi um dos precursores da AD francesa que via a língua além do mero ato comunicativo, analisava-a quanto aos aspectos extralinguísticos do discurso. Assim, buscava identificar o contexto social, histórico e ideológico.

No Brasil, há várias tendências de Análise do Discurso, a exemplo da Análise da Conversação, da Análise de Discurso Crítica, de vertente anglo-saxã – balizada pelas contribuições do britânico Norman Fairclough – e que tem na UNB um centro de estudo e difusão. No entanto, a Análise do Discurso mais difundida no território brasileiro é a de linha francesa, filiada a Pêcheux, que foi a primeira a ser introduzida aqui, em fins da década de 1970, por Eni Puccinelli Orlandi, uma das mais sólidas referências brasileiras da Análise do Discurso, responsável pela formação de

analistas do discurso e pela tradução e divulgação da obra de Michel Pêcheux em língua portuguesa.

A AD é uma prática e um campo da linguística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto. É muito utilizada, por exemplo, para analisar e interpretar textos da mídia e as ideologias que os engendram. Na interpretação é importante lembrar que o analista é um intérprete, que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido.

É proposta a partir da intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise.

Essa intersecção ocorreu da seguinte forma: da linguística deslocou-se a noção de fala para discurso; do materialismo histórico emergiu a teoria da ideologia; e finalmente da psicanálise veio a noção de inconsciente que a AD trabalha com o de-centramento do sujeito.

O termo discurso não se aplica unicamente à linguagem, mas a qualquer padrão de significado, seja ele visual ou espacial, e, portanto pode referir-se a textos visuais, tais como a televisão, o cinema.... A pesquisa do discurso oferece rotas para o estudo dos significados, uma forma de investigar o que está implícito e explícito nos diálogos que constituem a ação social, os padrões de significação e representação que constituem a cultura.

A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o *corpus* da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem.

Essa corrente busca em seus estudos, evidenciar as muitas maneiras de significar que a materialidade linguística permite, considerando-se os sujeitos, sua história e as condições de produção da linguagem. Dessa forma, o estudo discursivo considera, em suas análises, não apenas o que é dito em dado momento, mas as relações que esse dito estabelece com o que já foi falado antes, sem deixar de lado a posição histórica e social dos sujeitos envolvidos.

Ao estudar Pêcheux, GREGOLIN (2003, p.27), afirma que:

O sujeito não é considerado como um ser individual, que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono de seu discurso, mas é apenas um efeito do ajustamento ideológico. O discurso é construído sobre um inasserido, um pré-construído (um já-lá), que remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva.

Ao constatar tal fenômeno, torna-se óbvio que o sujeito discursivo passa por uma dupla ilusão: acredita que é o dono daquilo que enuncia; além de acreditar que tem consciência daquilo que diz ao tentar explicá-lo.

Ao produzir seu discurso, o indivíduo não expressa a sua consciência livre de interferências. Ao contrário, aquilo que ele pronuncia é o resultado de conjuntos discursivos que lhe são anteriores. Sobre isso, ORLANDI (2001, p. 09) aponta algumas contribuições da AD para a reflexão sobre a língua e sua interpretação:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua capacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é a contribuição da AD, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos, ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

Não se procura pelo sentido “verdadeiro”, mas pelo real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. Uma mesma palavra, na mesma língua, possibilita diferentes interpretações dependendo da posição do sujeito e de sua formação discursiva. O enunciado de um locutor só ocorre quando este antecipa e organiza o seu discurso de modo estratégico de acordo com aquilo que o seu receptor espera dele. É nessa perspectiva que o sujeito ao produzir o seu discurso faz uma imagem do local em que ele enuncia a imagem de si mesmo e do seu interlocutor, já que a existência do interlocutor é uma condição para que um sujeito se expresse de uma forma e não de outra.

As formações discursivas é que caracterizam o que pode ou não ser dito num determinado contexto. De acordo com Brandão (2004, p. 48), "são as formações

discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam 'o que pode e deve ser dito' a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada".

Conclui-se pelo exposto acima, que o discurso é a prática social de produção de textos. Isto significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m).

O sentido de uma expressão, segundo a AD, não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação discursiva do falante. O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz a partir de determinações histórico-sociais. O imaginário do público é sempre alimentado pelo discurso fazer alusões a situações reais, a elementos que fazem parte do cotidiano, sentimentos e casos. Por isso, os bordões assumem, em alguns casos, conotações humorísticas; e, em outros, conotações pejorativas.

5.2 OS BORDÕES SOB O VIÉS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Convivendo com alunos do Ensino Médio, diariamente, verificamos que o uso de bordões realmente estende-se do ambiente escolar para o familiar, e conseqüentemente, para o ambiente social, como forma de expressão muito comum entre eles, livre do formalismo do texto escrito e da linguagem culta. Percebemos, também, que o uso dessas expressões vem alienado do conhecimento dos motivos e circunstâncias em que foram criadas.

Devido ao fato da AD trabalhar com o sentido e não com o conteúdo, o analista ao usá-la deve fazer uma leitura do texto, enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos. Assim, optou-se por selecionar e escolher três bordões dentre os mais usados pelos alunos do Primeiro Ano - Ensino Médio, do período vespertino do

Colégio Estadual Governador Adolpho de Oliveira Franco, do Município de Astorga, Estado do Paraná. Os bordões selecionados serão analisados sob o viés da Análise do Discurso, explanada anteriormente.

Serão seguidos alguns passos para ordenar o processo de análise do discurso e organizar as aplicações feitas nos objetos de análise. O primeiro passo para a análise será o levantamento dos elementos do contexto de produção como o papel social do produtor e interlocutor, lugar social, momento da produção. Feito isso, o próximo passo indicado pela AD é o trabalho com as paráfrases, polissemias, metáforas e a relação dizer/não dizer. Após isso, é preciso identificar relações do discurso com formações discursivas que estejam agindo sobre ele, e assim relacioná-lo à ideologia do sujeito para, enfim, poder tirar conclusões a partir dos sentidos de discurso já realizados, imaginados ou possíveis.

O bordão mais lembrado e mais repetido pelos jovens estudantes é o usado pela atriz Katiúscia Canoro, em um dos quadros do programa Zorra Total, da Rede Globo – “Tô pagano!”, criado pela equipe de redatores do programa. Constatamos algumas identificações dos alunos com a personagem: o pobre se identifica com a personagem Lady Kate porque sonha em se tornar um milionário; o rico reconhece o novo rico e a classe média sonha em dizer “Tô pagaaaano!” diante de tantas situações consideradas “deselegantes” pela sociedade moderna.

Ao analisarmos essa expressão nos deparamos com a dificuldade da fala e percebemos marca do emissor ao usar um linguajar que comprova sua total falta de cultura, mesmo se tornando uma milionária. A enunciação é marcada, ainda, por um fenômeno linguístico constante na língua falada – o gerúndio sem o “d”. Queremos ressaltar, aqui, que esse fenômeno não é exclusividade das classes populares, pois muitas pessoas de classes mais abastadas cometem esse erro. Como esse é um fenômeno oral, pois na escrita ninguém se esquece do “d”, o que pode ser a causa dele é uma característica da língua falada, a redução das formas. A mesma característica que está por trás do surgimento de “tô”, que hoje é comum também na escrita dos alunos.

Apesar de não trazer recursos retóricos marcantes, esse bordão foi incorporado à linguagem de todos, pela musicalidade empregada por sua emissora, fator predominante no nível de enunciação. Além da frase, o tom e a musicalidade são essenciais para que o bordão seja adotado pelos telespectadores, pois as pessoas o repetirão da mesma forma que for pronunciada pelo personagem.

Verificamos a presença de intertextualidade através da construção gramatical semelhante à estrutura adotada pelas falas da personagem Bebel, de Camila Pitanga, na novela *Duas Caras*. Personagem citada, inclusive, durante o início do quadro, quando Lady Kate conversa ao celular com sua prima Bebel. Essa intertextualidade, porém, é pouco reconhecida: a maioria dos alunos desconhece a existência de uma personagem anterior, chamada Bebel, bem como o vocabulário utilizado por ela.

“Tô pagaaaano!” é uma expressão que passou a ser repetida, inúmeras vezes ao dia, num discurso múltiplo. As pessoas a empregam em situações nas quais seus direitos de consumidoras não são respeitados, como forma de exigir que sejam tratadas com dignidade e respeito. O que se consideramos louvável, afinal, os direitos dos consumidores, garantidos pelo Código de Defesa do Consumidor, costumam ser violados. O problema de leitura e interpretação surge quando os jovens atuam em situações sociais como se estivessem diante de uma relação de consumo. Muitos são os casos em que eles não têm um desejo atendido ou não conseguem algo que almejam e respondem com um sonoro “tô pagaaaano!”. Utilizando a AD, buscamos a dinâmica interna do pensamento e seus efeitos sociais de conhecimento e convencimento. Recorremos a ela, no esforço de compreender, além do cenário linguístico e cultural, os interesses para que, então, conseguíssemos levar nossos alunos ao discernimento dos momentos em que devem atuar como consumidores e daqueles que devem atuar como cidadãos. Ficou nítido que eles não tinham esse discernimento, até então.

Mariana Rios, incluiu na fala de sua personagem Yasmin, em *Malhação*, uma expressão usada comumente em sua cidade, Araxá (MG) - “Jesus, apaga a luz!” que tornou-se o bordão mais repetido pelos jovens telespectadores, o que enfatiza a relação do falante com o que já foi dito antes, sem deixar de lado a sua posição social e histórica.

A autodestinação é clara, partindo-se do pressuposto de que o emissor sempre enuncia para si mesmo, sem a intenção de esperar do receptor uma resposta ao seu discurso.

Percebemos o uso de frase exclamativa e da função apelativa da linguagem, como recursos retóricos, a fim de causar maior impacto emotivo e apelativo à sua fala. A entonação, nessa perspectiva, é de extrema importância para atingir o

objetivo final e conseguir se fixar na “boca dos jovens”. Outro recurso retórico do bordão “- Jesus, apaga a luz!” é a metáfora que ele traz. O uso do verbo e do objeto direto é uma forma de comparação subentendida às expressões: - “Jesus, tira-me dessa situação!” ou “- Jesus, não quero nem ver!”. Metáfora que enfatiza a carga emotiva e torna o bordão mais despojado e original.

Ao empregar, aleatoriamente, esse bordão, os alunos o fazem sem resgatar o momento e o motivo de sua criação. A personagem fazia uso dessa expressão quando se via diante de uma situação complicada, assustadora, decepcionante, enfim, quando algo não está de acordo com o que ela esperava. Percebemos, porém, que alguns adolescentes usam essa mesma expressão, com outra conotação e/ou entonação: a de surpresa, de contentamento – situações opostas à proposta inicial. Essa conotação diz respeito ao fato de, segundo a AD, o discurso não ser um texto acabado, com sentido pronto, o que permite que cada ouvinte faça uma leitura diferente de um mesmo texto, a partir de sua recepção.

O último bordão escolhido foi “ - Prefiro não comentar...”. Fala constante da personagem Copélia, da atriz Arlete Sales, no programa humorístico Toma lá da cá. Diferentemente dos bordões anteriores, verificamos que este é empregado pelos adolescentes com a mesma conotação pretendida pela falante.

A personagem sempre utilizava a dita expressão quando começava uma história, os seus ouvintes perguntavam sobre o final e como seria muito picante, ela completava: - Prefiro não comentar... Observamos que os alunos não fizeram leituras diversificadas sobre esta frase, o que comprova ser o seu imaginário alimentado por situações reais e referenciado ao contexto significativo representado pelo discurso em estudo. As formações imaginárias se formam por antecipação, pela relação de força e sentido feita pelo destinatário, durante o processo discursivo. Pensando assim é que o emissor estabelece suas estratégias discursivas.

A entonação adotada ao proferir o “- Prefiro não comentar...”, remete-nos a ideia do emprego das reticências, o que destaca a intenção de Copélia em levar o receptor a imaginar ou adivinhar o desfecho de suas histórias. Salientamos, entretanto, que essa mesma entonação, sempre desperta conclusões relacionadas à sua falta de pudor. A liberdade sexual é um tema considerado tabu por nossa sociedade que defende, dentre outros valores morais, a preservação do corpo humano.

Ao adotarem o referido bordão, com essa contextualização, os adolescentes julgam infringir as normas impostas pela sociedade, sentindo-se, assim, prazerosos e vitoriosos. Estabelecem, conseqüentemente, uma relação ideológica entre o poder que acreditam ter em atacar a instituição social na qual estão inseridos.

O processo parafrástico e o processo polissêmico estão presentes em todo funcionamento da linguagem, não podendo, dessa forma, serem esquecidos nesta análise. A paráfrase é o processo pelo qual em todo discurso há sempre algo que se mantém - refere-se à estabilização; a polissemia é o deslocamento – refere-se à ruptura dos processos de significação. Constatamos, assim, que esses dois processos comprovam que todo discurso se faz no contraste entre o igual e o diferente.

Concluimos, a partir disso, que os dois primeiros bordões, “- Tô pagaaaano!” e “- Jesus, apaga a luz!”, trazem em sua repetição, em sua “eternização”, em seu emprego pelos alunos a polissemia, pois ao utilizarem-nos o fazem com significações diferentes daquela criada inicialmente, produzindo o diferente, um deslocamento de sentidos, conforme já explanamos no decorrer desta análise. No terceiro bordão, “- Prefiro não comentar...”, ocorre a paráfrase, visto que os jovens o pronunciam da mesma forma que a intérprete o faz, sem alteração de vocábulos, entonação e sentido, ocorrendo o retorno ao mesmo espaço dizível, apesar da variedade dos locutores.

Vale ressaltar que uma das maiores dificuldades ao trabalhar com AD é que não existem critérios definidos para decidir versões interpretativas dominantes. Isso deixa o analista num posicionamento difícil, pois não há uma leitura única. Todas as leituras são possíveis, assim, optamos por uma interpretação que venha contribuir para uma maior e melhor compreensão dos sujeitos envolvidos – nossos alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a televisão é onipresente em todo o mundo e que essa presença ocupa um lugar preponderante na vida do ser humano, desde a mais tenra infância, verificamos que a linguagem televisiva tem forte influência no linguajar dos

nossos alunos. Podemos afirmar que os resultados relativos às relações estabelecidas entre o jovem telespectador e a televisão são resultantes do processo de socialização.

A identificação dos estudantes com os bordões apresentados neste trabalho mostra que todas as informações captadas e incorporadas por eles são aquelas favoráveis a suas expectativas, rejeitando, portanto, aquelas que as contrariam. A popularidade da televisão contribuiu para que o ser humano produzisse um ambiente social particular e, automaticamente, se inserisse nele. Fato este, que não é levado em consideração nos seus efeitos educativos.

O desconhecimento dos efeitos da linguagem televisiva proporcionado pelo principal meio de comunicação em massa explica o porquê das mídias, dentro do contexto escolar, serem vistas somente como mais um recurso didático, sem poder de formação, já que não asseguram uma ação pedagógica. Constatamos durante esta pesquisa, que o olhar dos jovens sobre as atitudes e ideologia de determinados personagens da telinha constituem fator de forte preponderância no seu processo de formação e identificação.

A incorporação dos bordões apresentados nos programas de televisão ao seu discurso cotidiano pode ser vista como forma de resposta às questões que fazem sobre o mundo. Nessa perspectiva, a Análise do Discurso nos ajudou a identificar as causas dessa incorporação, bem como as causas das modificações do uso dessas expressões e de sua popularização.

Ao realizarmos a análise dos discursos selecionados, apontamos para o fato de que o universo dos discursos produzidos numa sociedade se organiza segundo uma formação discursiva comum, cujas condições sociais de produção incluem todo o processo de interação do emissor ao seu destinatário. Portanto, uma dada formação discursiva remete-nos ao nosso conhecimento e leitura de mundo e ideologia.

Tomamos conhecimento de que a escola, diante do poder formador exercido pela mídia televisiva, tem importância estratégica: a escola deve utilizar de maneira criativa e crítica as informações, a linguagem e os modelos apresentados pela televisão. Mas, só atingiremos esse patamar quando os educadores aceitarem transformar sua práxis. Cabe a nós, professores, levarmos para a sala de aula, os modelos e imitações que percebemos em nossos alunos, a fim de realizar com eles, um trabalho de leitura, compreensão, interpretação, análise e reformulação de todo

o contexto histórico, social, econômico, ideológico, além da posição do emissor em relação ao receptor.

Essas práticas docentes, em vez de substituir a figura do educador, como pensam muitos professores, o potencializa, convertendo-o em formulador de problemas, provocador de questionamentos, coordenador e sistematizador de experiências e memórias. Uma estratégia de ensino que ao invés de se prender ao passado, destaca e possibilita o diálogo entre culturas e gerações.

Valorizamos ainda mais, a partir deste trabalho, o educador como condição básica para a atualização e real melhoria da instituição escolar, pois mesmo com o fácil acesso à televisão, não é fácil nossos adolescentes compreenderem, (re) conhecerem, assimilarem e, muito menos, analisarem criticamente tudo o que veem e ouvem ali. Ao empregarmos a AD, em nossas aulas, proporcionamos aos educandos etapas que os levem a considerar o discurso presente nos bordões como textos que trazem diversas possibilidades de conotações e associações, além de auxiliá-los a identificar os sujeitos e o contexto envolvidos nesse texto.

Concluimos que a Análise do Discurso vem de encontro com o principal papel da escola, ao passo que contribui para a transformação do aluno em um cidadão capaz de analisar a cultura que o maior meio de comunicação em massa oferece e fazer sua reelaboração dessa cultura, já que esta se impõe, consciente ou inconscientemente, à cultura do cidadão.

7. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 2004.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **Línguas e Jargões**: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: UNESP, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, SP: Cortez/Autores Associados, 1987.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos*. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (orgs). **Teorias linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia, MG: EDUFU, 2003.

LAZAR, Judith. *Mídia e aprendizagem*. In: **Mediatamente!** : Televisão, cultura e educação. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, 1999.

MARTINS, Clerton. **Antropologia das coisas do povo**. São Paulo: Roca, 2004.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso**: princípios e fundamentos. CAMPINAS, SP: Pontes, 2001.

<http://aplicacoes.up.edu.br/biblioteca/arquivos/biblioteca/TCC2009/Publicidade%20e%20Propaganda/A%20PERMAN%C3%8ANCIA%20DOS%20BORD%C3%95ES%20DE%20TELENOVELA%20CONSAGRADOS%20NA%20LINGUAGEM%20POPULAR.PDF>, acessado em 08/08/2010, às 22h47min.

<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11031>, acessado em 08/08/2010, às 23h22min.

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp04122002991.htm>, acessado em 09/08/2010, às 7h53min.

<http://estiloemcapitulos.blogspot.com/2010/04/famosa-linguagem-televisiva.html>, acessado em 09/08/2010, às 8h32min.

<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00009.htm>, acessado em 18/12/2010, às 16h11min.